Crônicas e contos

Homenagem ao Prof. Ismar Chaves da Silveira (1920 – 2003)

Helio Ribeiro de Siqueira
Prof. Assistente da Disciplina de Pneumologia e Tisiologia da Faculdade de Ciências Médicas - UERJ

Toda criança que nasce recebe a missão de contribuir para a construção do mundo ou a construção de pessoas que vão construir o mundo. Para isso, cada pessoa tem um ou vários dons que precisam ser desenvolvidos e isto depende do esforço individual, do esforço de cada um e também do meio em que vive, e estes fatos fazem a diferença entre uma contribuição modesta e uma grande construção do mundo.

Ao relembrar o Prof. Ismar, não gostaria tanto de citar o seu extenso currículo, mas de analisar como o professor desenvolveu seus dons e como contribuiu para a construção do mundo ao seu redor, e como também soube construir pessoas às centenas.

Aos 12 dias do mês de abril de 1920 nasce, em Jaboticabal, o menino Ismar, filho de um culto farmacêutico do interior, na época e no contexto, quase um médico. Desenvolve sua infância e adolescência entre vidrarias, fórmulas, medicamentos e doenças.

Em 1938, forma-se em professor primário pela Escola Normal de São Carlos e passa a lecionar. Adquire com essa experiência a técnica do ensino, que viria depois aprimorar o amor pelo magistério e pela língua pátria. As imagens de seu pai e de sua infância fazem surgir a vocação de médico e, em 1944, ingressa na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda como estudante, trabalha como redator e depois como redator-chefe da revista Seleções Científicas de Medicina e Farmácia, do Laboratório Moura Brasil. Em 1949, forma-se em medicina. Na época, a tuberculose era avassaladora e terrível, matando, em pouco tempo, cerca de 50% das pessoas que adquiriam a doença e a Tisiologia era especialidade muito importante. Possivelmente esses fatos contribuíram para a escolha da especialidade e, um ano depois de formado, fez o Curso de Tisiologia Sanitária e Social, da Campanha Nacional Contra a Tuberculose, do Ministério da Saúde. É então contratado como médico visitante do Serviço Nacional de Tuberculose, do Ministério da Saúde e, a seguir, passa a trabalhar na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Convive então com grandes tisiologistas da época, como Aloysio de Paula, Manoel de Abreu, Helio Fraga, Edmundo Blund, Tarantino e outros, e passa a ser reconhecido como médico de grande erudição e capacidade técnica, destacando-se pelo seu apuro em semiologia. Em 1958, é convidado pelo Prof. Aloysio de Paula para ser professor assistente da Cadeira de Tisiologia e Pneumologia da recém-fundada Faculdade de Ciências Médicas da UEG, onde passa a livre docente em 1962. Com a aposentadoria do Prof. Aloysio, faz concurso para a Cátedra em 1979 e é aprovado com distinção. Nessa época já trabalhava como redator-chefe do Jornal Brasileiro de Medicina, atividade que exerceu até poucos dias antes de sua morte e onde escreveu inúmeros artigos, não só médicos como também sobre redação de trabalhos médicos e Português. No Hospital Universitário fundou a COCIPE (Comissão Científica Pedro Ernesto) e editou uma revista médica do Hospital. Criou também o CETIP – Curso de Especialização em Tisiologia e Pneumologia, reconhecido pelo Ministério da Educação e de grande qualidade, formando várias dezenas de especialistas. Exerceu ainda a função de sub-diretor da Faculdade de Ciências Médicas. Foi o idealizador do Dicionário de Especialidades Farmacêuticas (DEF) e escreveu cinco livros. O mais famoso – O Pulmão na Prática Médica –, já na quarta edição e inúmeras reimpressões, é reconhecido em todo o território nacional. Seu último livro, sobre redação e língua portuguesa, e ainda no prelo, será de

grande utilidade para dirimir as inúmeras dúvidas sobre nossa língua.

Mas como era a pessoa do Prof. Ismar? Educado, polido e atencioso. Mesmo quando exigia mudança de atitudes, fazia-o com moderação. Não "vitimava" as pessoas, conquistava-as. Não gostava de público, de multidão. Suas aulas práticas, à beira do leito, eram imperdíveis. As aulas teóricas eram excelentes. Quase não usava *slides* - que na época eram de péssima qualidade -, mas no final da aula o quadro negro mostrava o resumo da aula que ia sendo escrito gradativamente e de forma organizada. Uma das maiores lições de didática que recebi dele foi num dia de prova da pós-graduação em que, dispondo ainda de algumas horas, reuniu os professores do curso e pediu para que fizessem, em sala de aula, um resumo do que tinham ensinado, dando ênfase aos fatos mais relevantes. Perguntei então a ele se teríamos que abordar também os temas que cairiam na prova, já organizada. A resposta foi uma afirmação enfática. Desde este dia passei a compreender a diferença entre o professor que ensina e o que faz aprender...

Cerca de cinco anos antes de sua aposentadoria por idade, o professor sofreu isquemia cerebral e ficou hemiplégico. Mesmo assim continuou trabalhando, indo ao hospital quase todos os dias, em cadeira de rodas. Após a aposentadoria, passou a exercer somente a função de redator-chefe do JBM e sempre que o visitávamos o encontrávamos corrigindo textos, redigindo artigos para a revista ou capítulos dos livros. Numa época em que inúmeros médicos se aposentavam precocemente, ficávamos surpresos com a disposição de trabalho do Professor Ismar.

Construindo o mundo ao seu redor, construindo uma família digna, construindo inúmeros especialistas e centenas de amigos, assim realizou-se a vida de um grande professor.

Obrigado, Professor Ismar!